



O grupo de meios de subsistência dos trabalhadores do setor das pescas em Namambar

Nas áreas costeiras de Namambar, três quartos da população dependem da pesca para a sua subsistência. O grupo mais vulnerável é o dos trabalhadores da pesca empregados em barcos ao dia. Algumas mulheres têm um pequeno rendimento da pesca, especialmente no processamento de peixe e na produção de cestos com folhas de palmeira, usados pelos pescadores para transportar e armazenar o peixe fresco.

Como zona costeira, é propensa a ciclones e cheias, desastres naturais que causam destruição em larga escala, perda de vidas e de recursos de produção e detritos e sedimentos que contaminam os pontos de água. As cheias mais recentes ocorreram em outubro, depois de um ciclone que afetou gravemente a região no ano anterior. A população local recebeu assistência imediata após o ciclone, mas ainda não conseguiu recuperar os seus meios de subsistência. A maioria dos poços foi também contaminada.

Nestas regiões pobres, há falta de investimento público em infraestruturas (instalações e serviços) para processar, armazenar e vender peixe. Ao longo da última década, as comunidades costeiras locais relataram um declínio das capturas devido a práticas de pesca não-sustentável.

Há um acesso limitado a instalações de saúde; a prevalência de desnutrição aguda grave atingiu os 5,3% e a desnutrição aguda global os 16,5 %; a deficiência de ferro (anemia) afeta 50% das crianças. Só 30% das crianças entre os quatro e os cinco meses são exclusivamente amamentadas; a maioria das mulheres acredita que ter um bebé com baixo peso à nascença evitará complicações médicas durante o parto.

Como diz Wilson, viver na região é difícil: *"Costumava trabalhar como pescador e ser pago diariamente, mas o dono do barco perdeu todo o equipamento de pesca e fiquei desempregado. A vida é dura e agora a comida no mercado é muito cara"*.

Pessoas como a Sílvia, uma mãe de cinco crianças, estão a sofrer muito: *"O meu marido morreu quando um ciclone atingiu a nossa aldeia. Agora estou sozinha com os nossos cinco filhos, o mais novo com quatro meses. Não o posso amamentar, não tenho leite. Sinto-me mal, choro muito, tenho medo que venha outro ciclone e nos mate a todos"*.